



*Para que serve educação em museus? O Bem Patrimonial Museu da República e suas interlocuções educacionais.*¹

MARTA CRISTINA SOARES DILE ROBALINHO²

MARTA TAETS GOMES³

O tema do trabalho a ser apresentado está ligado ao Ensino de História e ao bem patrimonial Museu da República, mais especificamente à exposição *Res publica Brasileira* e à Exposição do Quarto de Getúlio Vargas. Nosso objetivo principal é a observação e a análise desses bens patrimoniais e suas interlocuções com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e o professor à luz do ensino -aprendizagem.

O Museu da República é um bem patrimonial com tempos diversificados, tempos entrelaçados. Neste sentido pretendemos compreender como a aprendizagem e a construção do conhecimento histórico se dá entre os alunos que frequentam aquele museu, e como este público entende o bem patrimonial. Compreendemos que a educação patrimonial torna-se um instrumento de alfabetização cultural, corroborando com o indivíduo para sua compreensão do universo sociocultural.

Vivenciamos na atualidade uma “síndrome de museus e de práticas de colecionamento”, segundo Mário Chagas⁴. Isso ocorreu a partir de uma preocupação com o tema memória. A

¹ Este artigo foi apresentado no IX Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História – Questões Vivas, na Universidade Federal de Minas Gerais em Abril de 2015.

² Mestranda do Programa de Mestrado em Ensino da História, Uerj-RJ, bolsista Capes.

³ Mestranda do Programa de Mestrado em Ensino da História, Uerj-RJ, bolsista Capes

⁴Mario Chagas é museólogo.

preocupação com os “lugares de memória” se alastrou por toda parte (Pierre Nora, 1993). E é nesse espaço que se constitui a relação entre memória, patrimônio e narrativa que a educação patrimonial se insere de forma tímida ainda. O que seria então a palavra patrimônio? Segundo José Reginaldo Santos, patrimônio está entre as palavras que usamos com mais frequência no cotidiano: patrimônios imobiliários, econômicos, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, culturais, ecológicos, e também sem falar dos patrimônios intangíveis

É preciso ter cautela quando falamos em patrimônio. Primeiramente encontramos uma associação intelectual que causa estranheza entre Memória e História. As duas são correlatas, mas há que se pontuar que são distintas. E esses tempos de rememorar praticamente tudo nos levam, muitas vezes, a uma não percepção do papel do historiador professor de História, é impossível dissociar um do outro, no que tange à educação do olhar patrimonial. O questionamento feito pelo autor Ulpiano Meneses em seu texto: “História, cativa da memória?“, nos empurra para uma reflexão daquilo que temos feito em sala de aula e em visitas a patrimônios. O que temos efetivamente ensinado aos nossos alunos? A memória não historiciza. A História tem a possibilidade da crítica. A memória apaga o tempo. Mas o tempo é matéria prima da História. A memória é uma construção feita a partir do presente, ela é mutável de acordo com as solicitações do presente. Ela, segundo Meneses, é filha do presente. Encarar a memória como resgate do passado é algo criminoso, é acabar com a História, é dizer para nossos alunos que o que fazemos não tem validade. É necessário apoiar o processo de rememoração, mas trabalhar com a ideia que esse rememorar vem a partir de escolhas feitas do presente para o passado. De demandas sociais, culturais, educacionais. É fundamental deixarmos esclarecido que a Memória e toda essa carga que a envolve tem sua relevância, sem esse *boom* memorial não estaríamos aqui escrevendo sobre museus, patrimônios, educação. Existe, como bem disse Luciana Heymann⁵, um “*devoir de mémoire*”. A autora exerce sua fala da França contemporânea.

Segundo Heymann, o dever de memória é uma conquista, está associado à uma memória reivindicativa em que o Estado reconhece os erros e opera com formas de reparações. Os verbos

⁵ Heymann, Luciana – “O Devoir de Mémoire” na França Contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

usados pela autora são: reconhecer, reparar, criminalizar. O dever de memória seria manter vivo o passado. Esse dever de memória parte das demandas do presente. É interessante frisar que esse movimento memorial abriu caminho para a elaboração de leis sobre reconhecimento do Holocausto, reconhecimento de genocídios. A memória torna-se História.

Pensar a História e sua construção a partir do olhar para o patrimônio nos leva a pensar numa outra questão inseparável do cotidiano de sala de aula. Teoria e prática precisam caminhar juntas. Para o professor (historiador) Manuel Salgado⁶, o ensino da história deveria ser um universo de pesquisa, a nossa prática deveria estar alinhada à nossa teoria, ao que entendemos como História, como Patrimônio. E ele ainda complementa seu pensamento dizendo que deveríamos pensar a sala de aula desse ponto de vista. E deveríamos sempre pensar o nosso fazer em sala de aula desse ponto de vista. Como uma construção de práticas e saberes teóricos. Estimular nossos alunos a perceber que essa construção do conhecimento pode e deve partir deles, com nossa colaboração é claro.

Quando falamos em análise das exposições é importante que fique claro que estaremos privilegiando o olhar para os objetos que estão nessas exposições e em que sentido os alunos (nosso auditório) percebem o fazer histórico nas exposições, como eles se relacionam com esses objetos, que falas dão a esses objetos.

Chagas também nos chama a atenção para as ausências, os silêncios. Aquilo que falta na exposição do museu e quase nunca é falado. É um excelente mote para abrir uma bela discussão com os alunos. E extrapolar para outros suportes além do próprio museu visitado como livros didáticos, *sites*, blogs. Perceber que são escolhas que são feitas que podem ser institucionais, pedagógicas, familiares e muitas outras. Segundo Chagas, “Como a memória não está nas coisas, mas na relação que com elas se pode manter, é sempre possível uma nova leitura, uma nova audição ou a percepção de um novo aroma ali...entre as flores do esquecimento.”⁷

⁶ Salgado, Manoel. A Escrita da História Escolar – Memória e Historiografia. Organizado por Helenice Aparecida Bastos Rocha, Marcelo de Souza Magalhães e Rebeca Contijo _ Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

⁷ Idem, p165.



Nosso recorte foi feito com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de escola pública, no caso, da Rede Municipal do Rio de Janeiro. São alunos de uma escola situada no Grajaú, bairro da zona norte do Rio.

Primeiramente, teremos um olhar específico para a questão do tempo. O que é o tempo histórico? Que tempo histórico vivenciamos na atualidade? Para abordar essas questões desenvolvemos uma análise do passado e da memória a partir das leituras feitas de alguns autores: um deles foi Reinhart Koselleck⁸, que tem um estudo sobre a relação entre passado e futuro na história moderna. Trabalhamos com duas categorias históricas, a ideia de “Espaço de Experiência” e “Horizonte de Expectativa” que este autor traz à discussão, para entender como nossos alunos e visitantes percebem o museu. Da mesma forma, outro autor que trabalhamos neste artigo foi o alemão Andréas Huyssen⁹. O passado, através da memória, foi se estabelecendo no presente nas sociedades ocidentais. A cultura da memória triunfou sobre o presente e bloqueou a imaginação de futuros alternativos. Seguindo as idéias desse autor nossa reflexão passa por uma das questões colocadas por ele: pensarmos as mudanças que afetam as estruturas da temporalidade vivida, as formas de se ver o tempo e o espaço nas sociedades midiáticas contemporâneas. Nesse sentido queremos analisar os impactos políticos, culturais e educacionais dessas transformações com o tempo histórico.

Paralelamente, encontramos as análises de François Hartog¹⁰, autor francês, que tem também o tempo como seu objeto de estudo: com o seu Regime de Historicidade, Hartog nos presenteia com uma análise do tempo problematizada. Colocamos diante da ideia de presente estendido: o presentismo. O passado seria um passado distante, longínquo. Este sentido que nos presenteia ou nos aprisiona atualmente.

⁸ Koselleck, Reinhart, 1923-2006 – Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos; tradução original do alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamin. _ Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, cap. 2, p.41.

⁹ Huyssen, Andréas – Seduzidos pela Memória, seleções de textos de Heloísa Buarque de Holanda, Cap. 1 e Cap. 3.

¹⁰ Hartog, François – Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo.- 1. ed. ; 1. reimp. – Belo Horizonte: Antêntica Editora, 2014, (Coleção História e Historiografia), cap. 1 e 2.



Estudo de Público.

A partir de leituras feitas ao longo do curso tivemos a oportunidade de desenvolver uma metodologia adequada aos pressupostos de nossa pesquisa. Na verdade, essa metodologia acabou nascendo junto com o trabalho, com a visita ao museu com os alunos e no fazer. É uma turma pequena se compararmos com turmas do município que existem no Rio de Janeiro. Falamos sobre o “passeio” ao Museu da República e só essa informação já causou um alvoroço na turma. Só falar em sair da escola já causa uma sensação diferente nos alunos. Aproveitamos então essa animação e começamos a falar do museu, onde está situado, o que ele foi no passado, e quando virou museu, ou seja, procuramos incitar uma curiosidade nos alunos. A ideia era que todos estivessem na expectativa para o grande dia. É importante frisar bem isso porque uma saída a um museu ou um cinema, ou um parque feito por uma escola pública é muito difícil hoje em dia. Os professores e a escola não podem cobrar dos alunos o valor do transporte. Nem sempre ir de ônibus ou metrô na nossa cidade é encarado como uma saída tranquila. Há medo da violência do trânsito e da cidade. Então, quando um professor consegue uma oportunidade como essa não perde de jeito nenhum.

Optamos por uma visita mediada, com guia, por entendermos que seria alguém diferente a falar com os alunos. Uma visão diversa e alguém que trabalha naquela instituição e que poderia trazer novas formas de enxergar a visita. Mas que fique claro aqui que essa visita mediada foi escolhida e pensada na escola, com os alunos e eles já saíram da sala de aula com alguns objetivos a cumprir. O foco principal da visita era ver o Museu como um todo, porque entendemos que não poderíamos perder aquela oportunidade única, ver a exposição do *Brasil Res publica*, e a exposição do Quarto de Getúlio. Aliás, essa foi a mais esperada.

Na nossa metodologia, solicitamos que os alunos observassem os objetos, a construção, ouvissem o guia, e se preocupassem mais com o sentir, o curtir, o aprender do que com anotações, e outras formas de captar conteúdo. A ideia que passamos para eles era a de que fossem ao museu e depois relatassem o que viram, sentiram, gostaram ou não. No início alguns se sentiram desconfortáveis com a proposta, pois entendiam que uma visita deveria ter grandes anotações, registros, fontes e etc. Mas com o decorrer da tarde eles relaxaram e aproveitaram de forma prazerosa o “passeio”.



Nosso estudo pode ser enquadrado numa visão qualitativa. Quando os relatórios ficaram prontos (foram dezenove) pudemos ter a dimensão do trabalho feito naquele dia propriamente dito, mas o antes (a preparação) e o depois (conversas sobre a visita em sala de aula). Muitos demonstraram grande vontade de retornar ao museu, disseram que levariam seus familiares e propuseram idas em outros bens patrimoniais. Entendemos que nossa visita foi uma experiência holística. O comportamento dos alunos, as reações afetivas, as opiniões, as percepções do ambiente. Veremos mais pra frente com os relatórios. .

Quando retornamos à escola, na aula seguinte, fizemos uma série de proposições para ajudar na elaboração dos relatórios. A ideia era dar uma direção de como se deveria elaborar esse relatório, mas sem deixar que eles se sentissem premidos ou formatados.

Lançamos algumas perguntas que achamos de suma importância e aguardamos.

Seguimos algumas propostas de Rico, que escreve um belo texto oferecendo algumas etapas de análise relacionadas às idas e não idas aos museus e que transpusemos para nosso trabalho. Rico faz um “raio x” dos vários momentos de uma visita ao museu. Optamos em deixar que os próprios alunos escolhessem e elegessem o que lhes era mais importante. Uma outra questão que o autor aborda é a insistência dos vigilantes dos museus em vigiar as visitas e isso acabar incomodando o visitante. Rico fala de cultivar os sentidos. Para o autor, a criança precisa ser incentivada a usar os sentidos no museu. Entendemos que com o adolescente isso também deve acontecer.

Neste sentido trabalhamos com a ideia de outro autor: Vygotsky e seu conceito de mediação simbólica. Vygotsky entende que a relação do homem com o mundo é uma relação mediada, e não direta. Dois tipos de elementos mediadores são distinguidos por Vygotsky: os instrumentos e os signos. O instrumento é um elemento interposto ao trabalhador e o objeto de seu trabalho. O signo é um meio auxiliar para solucionar um dado problema psicológico; ele age como um instrumento da atividade psicológica, de maneira análoga ao papel de um instrumento de trabalho.

Dessa maneira, em nosso trabalho, fomos construindo uma ideia sobre como o impacto da visita se deu nos alunos da Escola Municipal Panamá. Vejamos algumas frases marcantes de alguns trabalhos entregues após a visita que demonstram as impressões, as aprendizagens, as

lembranças, os sentimentos e aquilo que eles consideraram importante falar, sem medo, sem receio e como eles entenderam a História a partir desse processo.

- a) “A visita passou rápida demais” (Ana Luísa, 15 anos)
- b) “ E o passeio foi ótimo apesar de ter andado muito, mas valeu a pena, aprendemos muitas coisas lá e não me arrependo de ter ido, nos divertimos muito” (Diana, 15 anos) . É interessante ressaltar que essa aluna tem uma dificuldade de locomoção.
- c) “ Eu gostei muito dessa ida ao museu. Aprender mais sobre o governo de antigamente. E também conhecer o Palácio do Catete que todos dizem. O Palácio do catete é maravilhoso, todas as partes.” (Giullia, 15 anos)
- d) “ Maneira divertida de aprender” (Mirianne, 16 anos)

Em outras falas dos alunos percebemos inúmeros elogios ao guia Marcelo, adoraram sua forma de abordar os temas, da conversa e diálogo estabelecidos entre ele e os alunos.

Apenas três relatórios utilizaram imagens(fotos do celular) para registrar a visita, mas a maneira com que foi organizado o trabalho demonstra entendimento daquilo que foi visto.

Os objetos mais citados nos relatórios foram os que estão no Quarto de Getúlio Vargas, o que não nos surpreendeu. A própria visita é feita com esse sentido: chegar ao quarto de Getúlio. O bem patrimonial fetiche. Meneses trata do objeto fetiche em museus. E o quarto de Getúlio é o exemplo disso. Houve um relatório de um dos alunos que descreveu que parecia que estava “vendo a perda de um familiar”. Isso é bem intrigante mas aceitável pois naquele quarto até a música é fúnebre. Tudo está disposto como na época em que Getúlio estava ali naquela casa e cometeu o suicídio. A quem interessa esse tipo de História? O pijama com a marca do tiro, a arma usada.

Metade dos relatórios descreveu a Casa-Museu e o fizeram com grande afinho. Um misto de admiração e curiosidade sobre a vida das pessoas que ali viveram no passado. Fizeram comparações com as pessoas que transitam hoje aquele espaço, que é um espaço museológico. Isso foi muito interessante porque nos levou a pensar que eles conseguiram sair do presente para

o passado e retornar para o presente construindo um novo conhecimento sobre aquele bem patrimonial.

A partir desse retorno da visita dos alunos com seus relatórios e suas impressões sobre o que foi visto e pensado por eles no museu, pensamos em duas propostas de ação pedagógicas sobre o olhar para o objeto. Nesse momento da pesquisa nos voltamos para o estudo de Ramos sobre o objeto. Em seu livro, *A Danação do Objeto*¹¹, nos deparamos com várias discussões pertinentes que se convertem para o estudo do olhar. O objeto que está no museu, que foi escolhido pelo museu para estar ali, exposto, visível, com um aporte de idéias sobre a visão de história daquele museu e daqueles que construíram sua aparição. A preocupação maior neste texto é pensar o ensino de história como uma construção do conhecimento. Como dissemos anteriormente, nossa visita ao museu começa na sala de aula. Com falas, preparando nosso aluno para o que vão encontrar naquele espaço, ou seja, imprimindo uma vontade, um desejo de conhecer aquele espaço. Como reflete Ramos, “ir ao espaço museológico implica necessariamente efetuar atividades educativas, questionamentos e maneiras, teoricamente fundamentadas, de aguçar a percepção para os objetos das exposições”.¹²

O autor trabalhado construiu uma ideia que utilizamos nesse trabalho que é a do *Objeto Gerador*, “o objetivo primeiro do trabalho com o objeto gerador é exatamente motivar reflexões sobre as tramas entre sujeito e objeto: perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criadores e criaturas do ser humano.”¹³ O autor sugere várias maneiras de abordar o objeto gerador. No nosso caso específico elaboramos uma seqüência de tarefas para o aluno exercitar seu pensamento de forma diversa da que vem pensando ao longo da sua vida de idas a museus.

Nosso trabalho sobre o Museu da República surgiu dessas questões fundamentais sobre o bem patrimonial, os objetos e o ensino da história. E de como aprendizagem pode ser mais

¹¹ RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004.

¹² RAMOS. *Op. cit.* p.15

¹³ RAMOS, *Op. Cit.* p.33.



prazerosa nessa fase da adolescência e as descobertas podem revelar momentos de aprofundamento. Pensamos em trazer algo diferente para uma atividade no museu e trabalharmos no sentido de partir do presente do nosso aluno para a descoberta de outros passados. Isso pode e deve ser feito dentro e fora da sala de aula. É uma construção.

Foi muito interessante fazer as inúmeras leituras sobre diversos autores citados na nossa pesquisa e aplicar suas ideias em nosso trabalho. E o fato de promover essa nova forma de ver o objeto museal nos faz ter uma visão diferenciada sobre nosso papel enquanto professores. O trabalho com a historicidade dos objetos nos auxiliou a ver o bem patrimonial de outras formas. Essa polifonia do objeto nos abriu a novas possibilidades de trabalhar o conhecimento histórico e ver que o “museu transforma-se em lugar onde o tempo é visto, não como reflexo, representação ou resgate do passado, mas como experiência de múltiplas sensações e reflexões que se constituem a partir dos objetos e sobretudo a partir do modo pelo qual os objetos estão dispostos. Ver o tempo não significa ver o passado, mas visualizar na materialidade do que é exibido a



presença do tempo: pretérito, presente e futuro; futuro do pretérito e do presente; pretérito que foi, que está sendo, que poderia ter sido ou que ainda pode ser; futuro que já poderia ter sido...”¹⁴

Referências:

CHAGAS, Mário e GOUVEIA, Inês- *Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). Retomando a prosa e o verso- conversar é preciso*. In: Cadernos do CEOM- Ano 27, n.41 – Museologia Social, 2014.

CHAGAS, Mário e STUDART, D.C. e outros. *Museus e Público Jovem: percepções e receptividades*. IN: *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio- PPG-PMUS UNIRIO- MAST*. vol.3 n.1- Jan- Jun de 2010.

FONSECA, Maria Cecília Londres- *Para Além da Pedra e Cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural* In: *Memória e Patrimônio –Ensaios Contemporâneos*, p.76. Regina Abreu e Mário Chagas (Orgs.)- 2ª ed. –Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

¹⁴ RAMOS, *Op. Cit* p.151



GONÇALVES, José Reginaldo Santos, *O Patrimônio Como Categoria de Pensamento*, p.31. IN: Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos- Regina Abreu, Mario Chagas(orgs.) – 2 ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

GUIMARÃES, Manoel L. Salgado. *Escrita da História e ensino da história: tensões e paradoxos*. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; CONTIJO, Rebeca (orgs.). *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009, pp. 35-55.

GUZMÁN, Maria Olvido Moreno. *Encanto y desencanto. El público ante las reproducciones en los museos: três casos del Museo Nacional de Antropología de la Ciudad de México*. Unknown Binding , 2001.

HARTOG, François – *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*.- 1. ed. ; 1. reimp. – Belo Horizonte: Antêntica Editora, 2014, (Coleção História e Historiografia), cap. 1 e 2.

HEYMANN, Luciana – “ *O Devoir de Mémoire*”na França Contemporânea:entre memória, história, legislação e direitos. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006, 27 f.

Texto apresentado no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil na Fundação Getúlio Vargas no Terceiro Seminário PRONEX “Cidadanias e Direitos”, na mesa do “Dever e Direito à Memória”. Rio de Janeiro, 27-29, NOV. 2006.

HUYSSSEN, Andréas – *Passados presentes: mídia, política, amnésia*. In:_____. Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. Cap. 1 e Cap. 3.

KOSELLECK, Reinhart, 1923-2006 – *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*; tradução original do alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamin._ Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, cap. 2, p.41.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *A história Cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* , São Paulo, 34, 1992, pp. 9-24. [http: 200.144.255.123; Imagens; Revista;REVO34;Media;REV34-01.pdf](http://200.144.255.123;Imagens;Revista;REVO34;Media;REV34-01.pdf)

MENESES, Ulpiano. *Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico*. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, vol.2, jan-dez.1994. (disponível em [http: www.scielo.br pdf anais MP v2n1 a02v2n1.pdf](http://www.scielo.br/pdf/anaisMP/v2n1/a02v2n1.pdf).)

MUSEU DA REPÚBLICA, www.museudarepublica.gov.br, acesso em 3 de janeiro de 2015.

NORA, Pierre – *Entre memória e História : a problemática dos lugares*. *Projeto História*. São Paulo, n.10, p. 7-28, dez. 1993.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de História*. Chapecó:Argos, 2004.



RICO, Juan Carlos. *Por qué no vienen a los museos?* Historia de um fracasso. Sílex, 2002.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamond, Minc, Iphan, 2006.

STUDART, D.C.: *Museus e famílias: percepções e comportamentos de crianças e seus familiares em exposições para o público infantil*. *História, Ciências, Saúde –Manguinhos*, v.12 (suplemento), p. 55-77, 2005.